

MUSEU VIRTUAL DE RADIOLOGIA
Dr. Sidney de Souza Almeida

www.imaginologia.com.br

Copyright © www.imaginologia.com.br



O HOMEM, O MÉDICO, O DIPLOMATA, O POLÍTICO, O ESCRITOR, O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO... E O INVESTIGADOR CIENTÍFICO. É IMPOSSÍVEL FALAR DE EGAS MONIZ SE NÃO FOREM REFERENCIADAS TODAS ESTAS VERTENTES QUE CARACTERIZAM A PESSOA QUE RECEBEU O PRÊMIO NOBEL DE MEDICINA E FISILOGIA EM 1949. NO PRÓXIMO MÊS DE OUTUBRO FAZ 51 ANOS QUE UM PORTUGUÊS RECEBEU PELA PRIMEIRA VEZ UMA DISTINÇÃO DA ACADEMIA DO NOBEL SUECA. EGAS MONIZ FOI UM HOMEM MULTIFACETADO. FORAM MUITAS AS PAIXÕES A QUE SE DEDICOU E A QUE IMPRIMIU A SENSIBILIDADE DE UM CIDADÃO

DE ORIGENS HUMILDES E CARACTERÍSTICAS NOBRES. NASCEU NA PEQUENA TERRA DE AVANCA, ESTARREJA, EM 1874. HOJE EM DIA, É NA SUA TERRA NATAL QUE SE CONCENTRA O MAIOR ORGULHO PELOS FEITOS DESTE HOMEM, MAS A PROJEÇÃO DA SUA OBRA, O RECONHECIMENTO E A CONTESTAÇÃO, ULTRAPASSARAM DESDE CEDO TODAS AS FRONTEIRAS. UMA NOTORIEDADE GRANJEADA SOBRETUDO PELA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA QUE DESENVOLVEU NOS ANOS 30 E QUE LHE MERECEU O NOBEL DA MEDICINA E FISILOGIA PELA “DESCOBERTA DA IMPORTÂNCIA DA LEUCOTOMIA NO TRATAMENTO DE ALGUMAS PSICOSES”.

MAS A VIDA DE EGAS MONIZ NÃO PODE SER REDUZIDA A ESTA DISTINÇÃO. NÃO SÓ PORQUE ESSA NÃO AUFERIU UNANIMIDADE NO CAMPO DAS CIÊNCIAS, MAS TAMBÉM PORQUE TEVE OUTROS RECONHECIMENTOS INTERNACIONAIS DE QUE SE PÔDE ORGULHAR. É TAMBÉM PORQUE, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO, REVESTIU-SE DE VONTADES DIPLOMÁTICAS E DE CONVICÇÕES POLÍTICAS, DEIXOU UM LEGADO DE TÍTULOS CIENTÍFICOS, POLÍTICOS E LITERÁRIOS QUE É DIFÍCIL IGNORAR.

A NÍVEL POLÍTICO, AS SUA IDEIAS LIBERAIS DITARAM-LHE TRÊS VOZES DE PRISÃO, E PEDIDO DE “LIMPEZA DA HONRA”, VIA DUELO, CINCO VEZES. COMO MÉDICO, SOFREU NA PELE A DEDICAÇÃO QUE ENDEREÇAVA AOS SEUS PACIENTES – QUASE TODOS SOFRIAM DE PERTURBAÇÕES MENTAIS – QUANDO UM DELES LHE APONTOU UMA ARMA E LHE CRAVOU CINCO BALAS... TRATA-SE DE UMA HISTÓRIA DE VIDA MUITO RICA DE EPISÓDIOS E CONTRIBUIÇÕES, A QUE A ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO NOBEL DA MEDICINA E FISILOGIA, TROUXE, SEM DÚVIDA, O RECONHECIMENTO MUNDIAL.

EGAS MONIZ: SÍMBOLO DO SEU TEMPO

UMA VIDA MARCADA PELO ECLETISMO

Egas Moniz, ou melhor, António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, não soube desde sempre que queria ser médico. Ainda tentou a vida eclesiástica impulsionado pelo seu tio e padrinho, o Abade de Pardilhó, António Pina de Resende, que lhe pagava os estudos e o enviou para o Colégio de S. Fiel. Na altura Egas Moniz tinha o apelido de “o Abadinho”, tal era a protecção emanada pelo tutor. Porém, “lamentava a exagerada vida religiosa que nos levava tempo e roubava actividades”, escreveu sobre essa altura. Também a morte da irmã mais nova, na altura com 16 anos, vítima de tuberculose, o ajudou a perder o encanto por um Deus sem misericórdia para com uma pessoa que tanto estimava.

Matricula-se na Faculdade Medicina da Universidade Coimbra em 1891, acaba o curso em 1899 e termina a tese de doutoramento, dois anos mais tarde, com o título “A Vida Sexual”. Nesse trabalho abordava várias temáticas, uma delas a homossexualidade. Tema pouco abordado na altura, Egas Moniz surpreendeu ao tratar de um assunto muito raramente abordado naqueles tempos. Durante a vida, muitos “doentes” homossexuais lhe escreveram a pedir “ajuda”.

Um ano antes de apresentar a tese, com 26 anos, já Egas Moniz havia desposado Elvira Egas Moniz, uma jovem de 16 anos que havia de o acompanhar para o resto da vida. Frustradas as tentativas de gerarem um filho – Elvira era estéril –, tornaram-se os melhores companheiros. Juntos decidiram investir na casa de Avanca, a “Casa do Marinheiro”, em detrimento dos terrenos da família, que venderam, e ampliar o imóvel que se tornou lugar habitual para as férias de Natal, Páscoa e Verão. Também juntos, testamentaram que, após a morte do casal, a “Casa do Marinheiro” haveria de se tornar num museu, que reunisse todo o espólio científico e as colecções do investigador.

O ano em que apresenta a tese, 1901, é também o ano em que é atribuído o primeiro Nobel de Medicina a Boehringer, um físico alemão, pela descoberta da vacina contra a difteria e tétano. Um ano depois deste feito, Egas Moniz é convidado para professor substituto na Faculdade Medicina de Coimbra. Passa a ser lente catedrático em 1910, com a reorganização das faculdades e o aparecimento das

Universidades do Porto e Lisboa. Egas Moniz passa a reger a cadeira de Neurologia em Lisboa – foi o primeiro professor dessa cadeira e saiu dela apenas por limite de idade, em 1944.

Durante o período em que exercia como substituto, e até 1911, vive entre Avanca e Coimbra, com interrupções de saídas para o estrangeiro. Em 1902 instala-se em Bordéus e acompanha os cursos de Neurologia e Psiquiatria, especialidades, até então, sem desenvolvimento em Portugal.

Egas Moniz esteve muito tempo ligado à política, como mais adiante se referirá; mas, durante os momentos em que esteve afastado, particularmente em 1916, esteve um ano a estudar as consequências da guerra nas doenças do seu foro e regressou com a publicação do livro “A neurologia na Guerra”, uma obra de investigação pioneira na altura, com estudos de feridas nos crânios, lesões dos nervos, e das medulas – cobria todas as situações neurológicas de ferimentos de combate.

Nunca deixou de exercer a profissão de Neurologista, a par com todos os trabalhos de investigação. A 14 de Março de 1936 atendia pacientes num consultório na Rua do Alecrim, quando sofre um atentado, por um paciente seu desde há longos anos. Egas Moniz já teria detectado que o homem andava a ter comportamentos perigosos – teria mesmo avisado os seus colaboradores para a possibilidade de perigo. Mas, certamente, não contaria que o homem lhe entrasse pelo consultório e, com o Professor serenamente sentado na cadeira, lhe atirasse oito tiros. Cinco atingiram-no. Sofreu uma intervenção cirúrgica, mas apenas quatro balas lhe puderam ser retiradas.

Egas Moniz foi sócio de várias academias estrangeiras e também sócio da Academia de Ciências Lisboa, de que foi presidente vários anos. Conseguia sempre conciliar o tempo, que devia escassear, com as inúmeras actividades que teimava em desenvolver. Aliás, nunca deixou de ter tempo de escrever, escrever, escrever...

Em 1935, com 61 anos, tinha já escrito cerca de 210 títulos, dos quais seis não se relacionavam com a Medicina. Não foram só os temas científicos que despertaram a curiosidade de Egas Moniz: tem títulos tão diversos como “A Folia e a Dor na Obra de José Malhoa”, “História das Cartas de Jogar”,



"Confidências de um Investigador Científico", "Silva Porto", "Do Valor e da Saudade", "A Nossa Casa", "Júlio Dinis e a Sua Obra", "o Padre Faria na História do Hipnotismo" e mais de 400 separatas, memórias, discursos e trabalhos científicos, publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

Egas Moniz teve também textos censurados, como aquele que aqui se publica: "Valores assim não se improvisam, conseguem-se com o tempo... Os que vivem e se consagram na ideia de ordem científica ou artística, longe das lutas políticas que tantas vezes aniquilam, em arrebatamento precipitado, com os melhores propósitos, não podem compreender esses frémitos...".

O investigador científico

O sistema nervoso e mental era uma das grandes paixões de Egas Moniz. Os casos de doenças mentais e a depressão apaixonaram o jovem que se matriculou na Faculdade de Medicina de Coimbra com apenas 16 anos. Quando acabou o curso, em 1891, tornou-se Neurologista, num momento em que a especialidade começava a dar os primeiros passos em Portugal.

Foi a leucotomia pré-frontal que lhe deu o Prémio Nobel, mas ninguém se atreve a subestimar a igualmente importante descoberta da angiografia cerebral, um método ainda hoje utilizado.

As linhas de pensamento ao longo das quais Egas Moniz avançou com a descoberta que lhe havia de atribuir um Nobel referiam-se primariamente à localização de certas funções psíquicas do cérebro.

Já se sabia da importância dos lobos frontais na actividade cerebral, relacionada especialmente com as emoções, e que a sua destruição, por balas ou tumores, levava a típicas mudanças de personalidade... Ocorreu a Egas Moniz que os estados psi-

quicos mórbidos, acompanhados por tensões afectivas, poderiam ser aliviados destruindo os lobos frontais nas suas ligações a outras partes do cérebro: chamou-lhe LEUCOTOMIA PRÉ-FRONTAL. Foram muitos os anos de experiências em laboratório que lhe permitiram desenvolver esta operação.

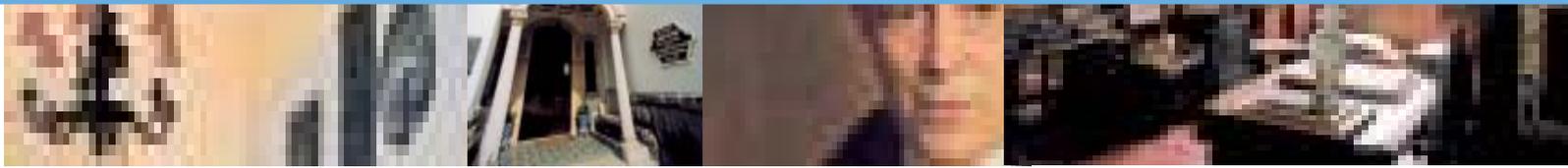
A ideia condutora da descoberta da angiografia cerebral foi injectar na carótida um fluido radiopaco (os Raios X tinham sido descobertos em 1895 por W. Röntgen, um físico alemão). A investigação em cadáveres humanos e em animais permitiu encontrar substâncias opacas aos raios X, que injectadas nas artérias permitiam visualizar a árvore arterial. A primeira angiografia no homem vivo foi obtida em 28 de Junho de 1927. Moniz apresentou a descoberta primeiro em Paris e só depois em Portugal. Com o apoio da opinião dos mais ilustres neurologistas franceses, impôs-se à comunidade médica portuguesa que o criticava por não fazer trabalho de laboratório e acabou por dar início à Escola Angiológica Portuguesa, com outros investigadores a aplicarem a técnica a outras áreas da biopatologia humana.

A angiografia foi uma das descobertas mais importantes e menos controversas; o mérito desse legado é indiscutível. Mas o mérito da descoberta da leucotomia não foi tão pacífico. A descoberta foi tocada pela sombra das dúvidas que se avolumavam, nomeadamente sobre a justificação científica desse acto médico e as implicações éticas que envolve: será lícita a destruição irreversível de aspectos de uma mente humana?

A leucotomia destinava-se a tratar a ansiedade e a agitação associadas a estados psiquiátricos como as doenças obsessivas compulsivas e a esquizofrenia. De acordo com o modo como foi originalmente planeada e executada, com o colaborador neurocirurgião Almeida Lima, a cirurgia produzia pequenas áreas de lesão na massa branca profunda de ambos os lobos frontais. A ideia inovadora que Egas Moniz tinha concebido era a de que, nos doentes com ansiedade e agitação patológica, as projecções e as vias da massa branca tinham estabelecido circuitos anormalmente repetitivos e hiperactivos. Não existem dados que permitam sustentar tal hipótese, embora estudos recentes sobre a actividade da região orbital em doentes obsessivos e depressivos sugiram que Egas Moniz talvez estivesse certo, mesmo onde os pormenores pudessem estar errados, como o admitiu António Damásio.

A operação concebida por Egas Moniz provocava lesões cerebrais limitadas. Em contraste, a lobotomia frontal era normalmente um trabalho que provocava extensas lesões e esta intervenção tornou-se mundialmente infame pela forma questionável como era prescrita e pela mutilação desnecessária que produzia.





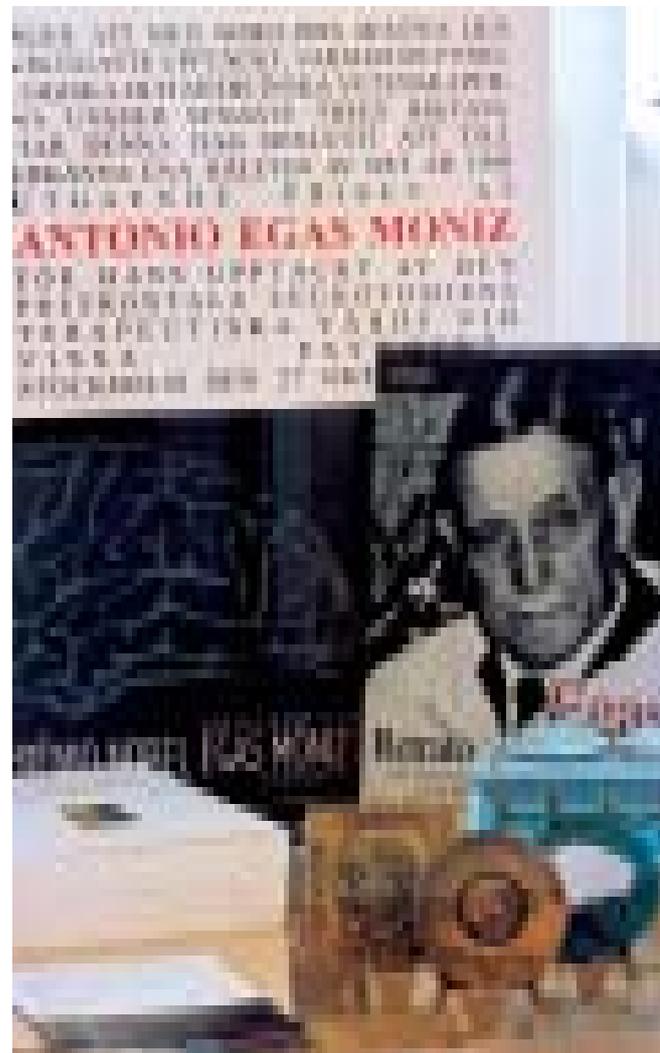
Um Prémio Nobel cedo posto em causa...

A leucotomia foi muito popular depois da segunda Guerra Mundial, mas nunca foi completamente aceite. “A culpa foi de quem começou a fazer a lobotomia a torto e a direito”, defendia-se Egas Moniz argumentando que os estados mórbidos que estudou reagiam muito bem, mesmo a esquizofrenia, e que a dor desaparecia, bem como a angústia a ela ligada.

A leucotomia acabou por ser largamente abandonada, como tratamento, quando as drogas anti-psicóticas se tornaram disponíveis. Mas, ainda antes disso, Egas Moniz teve que vir a terriro defender a sua dama, numa intervenção que fez em Maio de 1954, cinco anos depois da atribuição do Nobel, e que foi publicada no livro “A Leucotomia Está em Causa”.

“Meditei cerca de três anos na ousada tentativa, andávamos em 1931. As hesitações desapareceram. A primeira alcoolização das substâncias brancas dos lobos pré-frontais foi realizada em 12 de Novembro 1935. Passado um mês, Almeida Lima faz a primeira leucotomia realizando os cortes que tínhamos assentado. Nos primeiros casos verificaram-se curas e melhoras...”, explica Moniz no livro citado, onde afirma que esperava reacções mas que não contava que o “pleito” chegasse tão cedo. “Apresento as duas séries de provas que podem interessar ao julgamento da leucotomia. De um lado, as que a defendem o campo médico, filosófico e teológico. Do outro, os que a condenam, por motivos mais teóricos do que práticos, indo até à sua proibição na URSS. A leucotomia está bem colocada e as vantagens que trouxe aos alienados continua a ser demonstrada. Aos quatro mil operados, outros se juntarão. O veredicto final, não pode no entanto ser ainda proferido”, argumentava o Professor. E continua: “A transformação foi considerada como uma despersonalização. Surge então a dramática pergunta: tem um neurocirurgião direito de proceder a esta transformação? O não formal pronunciado por certos psiquiatras, filósofos e padres não se baseia no argumento científico, deriva da mística. Pode falar-se de personalidade num indivíduo ansioso, delirante, que apenas vive no círculo reduzido de ideias que o obcecaram? Há o direito de deixar viver em torturas atrozes um doente cuja dor não pode ser aliviada?”, questionava Egas Moniz.

O que é certo é que a partir de uma determinada altura os padres recusavam-se a casar indivíduos leucotomizados, e o debate ético-moral foi feito até à exaustão. O Papa Pio XII, no seu discurso de 16



Setembro de 1952, não condenou a leucotomia, limitou-se a declarar que não era sempre justificada, como por exemplo quando empregue para diminuir taras psicológicas suprimindo a liberdade. Havia muitos depoimentos a favor da leucotomia; mas também houve médicos que a combateram. Uns entendiam que devia manter-se a integridade do cérebro humano, mesmo que enfermo. Outros não aceitavam as bases em que Egas Moniz se apoiou para realizar a leucotomia, e ainda muitos protestaram contra a intervenção porque julgavam que a operação diminuía o valor da crença. Egas Moniz sofreu muito com tanta incompreensão; quase tanto como os sofrimentos provocados pelos desgostos da política, outra actividade que exerceu activamente. Tanto desgosto que, quando em 1951 é convidado a candidatar-se a Presidente da República, respondeu: “Lembraram-se agora de mim? Já não me interessa...”. Acabou por morrer em Lisboa, quatro anos depois, com 81 anos, no ano em que morreu Einstein e em que Portugal se torna membro da ONU.

Política: uma luta recheada de desilusões

Sobre o período entre 1901 e 1926, altura em que a sua actividade política foi mais vincada, Egas Moniz considerou, mais tarde, que andara confuso e que tinha optado pelo caminho errado. O que se sabe é que muitas ambiguidades na sua formação política levaram que, em 1974, uns o definissem como comunista, outros como um burguês... Mas o que se acaba por constatar é que houve um espírito independente. Porque Egas Moniz acabou por derrotar João Franco, condenar Afonso Costa, afastar-se de Sidónio e opôr-se a Salazar...

O baptismo político foi feito no Partido Progressista, de José Luciano de Castro. Na frouxa e vazia alternância política em que se corria sem objectivos, até o rei D. Carlos desanimava: "Portugal é uma monarquia sem monárquicos".

Começou como "deputado progressista por Tondela" e era um ousado defensor do ensino laico;

fez-se ouvir em decisivos momentos de História nacional com a sua palavra enérgica e convincente – testemunhos sustentam que Egas Moniz era um notável orador e um excelente conferencista.

Em 1906, João Franco, do Partido Regenerador, é chamado a formar governo. Dois anos mais tarde, Moniz conspira com o objectivo de derrubar Franco, embora entendesse que a segunda consequência poderia ser a mudança do regime, por abdicção do rei, sem sucessão no filho.

No livro "Um Ano de Política", escrito em 1919, diz: "Foi nestas condições que eu me empenhei na luta revolucionária, que era dirigida primeiramente à ditadura, mas que podia atingir o regime. Eu por mim entendia que a sua queda era a única solução. E desejei-a".

Os conspiradores foram presos em 28 de Janeiro de 1908, na cadeia dos Lóios – falou-se em fuzilamentos, mas o rei assinou a deportação. Moniz iria para Timor, mas o Regicídio a 1 de Fevereiro trouxe a libertação dos presos, cinco dias depois. Com a implantação da República, o Professor é deputado na Assembleia Constituinte, onde define os seus princípios, que assentavam sobretudo na defesa de uma constituição parlamentar. Adepto da dissolução do sistema parlamentar era contra a dissolução do sistema presidencialista, o que havia de ser a sua grande questão, mais tarde, com Sidónio Pais.

Durante o governo de Afonso Costa, em 16 de Abril de 1912, Egas Moniz demite-se, porque considerava intolerante não poder usar a crítica no debate parlamentar. Numa das suas últimas intervenções fez um ataque cerrado a Norton de Matos, que pediu para reparar a honra com armas. Egas Moniz ganhou o duelo, porque era bom na esgrima. Mais tarde vieram a fazer as pazes. Ao longo da sua vida política teve cinco pedidos de duelos...

Em 1915 declara-se conspirador contra Afonso Costa, e foi preso. Já em liberdade, cria o Partido Centrista em Outubro de 1917, um mês antes de cair o governo de Afonso Costa, que acaba por acontecer a 5 de Dezembro. Três dias depois, Sidónio Pais convida-o para entrar no Governo. Egas Moniz acaba por aceitar, fundindo o Partido Centrista com os sidonistas, e surge o Partido Nacional Republicano.

As divergências com Sidónio Pais não se fizeram tardar e, por isso, Egas Moniz não integra governo. Vai para Madrid, numa altura em que as ligações com Espanha estavam difíceis. Durante esse período, reata as relações diplomáticas com o Vaticano, interrompidas por Afonso Costa com a Lei da Separação da Igreja e do Estado. Nas primeiras férias, vem a Portugal e, no Parlamento, volta a opor-se às intenções de Sidónio Pais de instituir um regime presidencialista. Sidónio volta a convidá-lo para ir para Madrid. Egas Moniz escusa-se, mas aceita perante a insistência, para desempenhar um cargo que implicava presidir à Conferência de Paz, depois da Grande Guerra.

Por essa altura, Afonso Costa estava exilado em





Paris e Sidónio Pais é assassinado. Em 14 de Março de 1919, e com explicações dúbias de Lisboa, onde era presidente José Relvas, a delegação portuguesa à Conferência de Paz era demitida, incluindo Egas Moniz, à excepção de 3 membros. Ferido no seu amor próprio, Egas Moniz abandona por completo a política. Entretanto Afonso Costa regressa para formar o seu terceiro governo. Egas Moniz dá uma entrevista onde responde a um jornalista se ia ou não voltar à política: “Note que fui um dos primeiros presos a ferros da República! Por várias razões, e até por esta, não me conservo indefinidamente alheio à vida política portuguesa (...). Por agora pouco ou nada poderei fazer. Sou contra todo o movimento revolucionário no momento em que atravessamos. Digo-o publicamente também para que, se houver alguma coisa, não vá parar à prisão outra vez”.

Em 1926 vinga a ditadura militar. Egas Moniz fica expectante, mas perde as expectativas quando Salazar sobe ao poder e proíbe oposições. Passou a ser um contundente opositor. Curiosamente, mantinha boas relações com Carmona, o Presidente da República... Quando foi alvejado por um paciente, e estava no hospital, Salazar informava-se todos os dias. Quando ficou bom recusou-se a receber Egas Moniz, mesmo com o intermédio de amigos. Em 1951, dois anos depois de ser condecorado pela Academia Nobel, é convidado a candidatar-se à presidência da República. A reacção foi contundente: “Lembraram-se agora de mim? Já não interessa...”.

2500 livros que recheiam a biblioteca, na Casa Museu encontra-se outro traço bem vincado das paixões do investigador: o Coleccionismo.

Do vasto espólio pode-se destacar: um serviço de jantar chinês, originário de Cantão, para 48 pessoas; um terço do faqueiro de prata que pertenceu ao Marquês de Pombal; porcelanas alemãs; jarras pintadas à mão em vidro coalhado; cristais da Boémia; dois cachorros da dinastia Ming, com mais de 480 anos; várias pinturas anónimas dos séculos XVII e XVIII, e também de vários autores portugueses consagrados, como Henrique Medina, Silva Porto, ou Carlos Reis, e muitas, muitas pratas, a maior parte do século XVIII.

Também no mobiliário se revê o bom gosto e a qualidade de que se rodeava Egas Moniz: raríssimas jarras de 5 dedos, lustres em cristal de Veneza, mobílias de época, portuguesa e francesa e dois magníficos oratórios – o original de Avanca e o que existia na casa de Lisboa. A que viria a ser Casa Museu, sofreu obras de ampliação em 1915, a mando do próprio Egas Moniz. Quando Elvira Egas Moniz faleceu, dez anos depois do investigador, em 1965, deu-se seguimento à vontade dos proprietários e começaram os trabalhos de transformação do espaço num Museu. Foi novamente ampliada para receber todo o espólio da casa de Lisboa, uma grande vivenda, com andar, situada na Avenida 5 de Outubro. Em 1968, a antigamente denominada “Casa do Marinheiro” abre as portas ao público transformada em Casa Museu Egas Moniz.

nortemédico Texto Luisa Pinto • Fotografia António Pinto

CASA MUSEU EGAS MONIZ

O espelho do colecionador e do cientista

Egas Moniz foi um português apaixonado. Em vida, sofreu na pele o orgulho, a inveja e a incompreensão. O reconhecimento dos seus méritos veio mais tarde; até nisso foi português. A dimensão deste homem multifacetado está espelhada na Casa Museu Egas Moniz, instalada em Avanca, naquela que foi o berço e depois a casa de férias do investigador. Nos diversos recantos da gigantesca Casa pode-se encontrar uma nova faceta da sua multifacetada personalidade. Egas Moniz adorava jogar cartas; era o passatempo preferido, a que chegou a dedicar o livro “Histórias das Cartas de Jogar”. Em Avanca pode-se encontrar duas mesas de jogo, exemplares belíssimos onde Moniz passou horas, rodeado de amigos. Para além dos retratos de família, da mobília original conservada e dos

